

DIVAGAÇÕES SOBRE O "ENSAIO"¹

Fernand Ouellette

Tradução: Glória Carneiro do Amaral

"O desejo é o cordão umbilical da vida mais elevada"
Kierkegard

"Tudo isto é, ainda, êxtase e desilusão (...)"
Mallarmé

"A crítica parece-nos da ordem de um percurso e não de um olhar ou de uma pausa."
Jean-Pierre Richard

O que, para a maioria, parece uma obra de "pesagem" dos seres da memória, para mim é essencialmente uma "prova", uma "batalha", um "olhar", o desvendamento do que foi posto em forma ou foi vivido. A certa forma de ser, de ato e de objeto responde a epifania de uma outra forma. O ensaio abala o fundamento da memória na medida em que domina um projeto de totalidade articulado no ou nos detalhes de um todo. Afigura-se-me assim como uma das formas privilegiadas do desejo, da aspiração, do "inesperado". Ele é movido mais pela "imaginação do desejo", pelo possível do que pela vontade de elaborar uma síntese, pela apreensão do que é. Neste sentido, tinha razão Northrop Frye quando escrevia que "nos ensaios ou na poesia lírica, o interesse está centrado na *dianola*, na idéia ou pensamento poético (...) que o autor transmite ao seu leitor". E também não está tão longe o jovem Lukács quando propõe, em *A alma e as*

1 Originalmente publicado em *Études Littéraires*, abril, 1972.

formas, uma definição do ensaio como uma "forma" autônoma, situada entre a literatura e a filosofia, entre a "criação imaginária", e a "criação conceitual".

É útil explicitar que quando penso na forma ou no gênero ensaio, não me refiro à obra elaborada de um Camus, mas sobretudo à *afirmação*, a um tecido de saltos e "ressaltos". O ensaio parece-me um cadinho de "combustão verbal", um cadinho de prosa que não se deixaria consumir, uma prosa que se recusaria a "perecer". O ensaísta concentra-se nos rastros da fulgurância como um felino espreita uma forma móvel. Ele deseja tão ardentemente que se arrisca a "tornar sua alma cega para o resto" (Demócrito). Não me preocupo com uma tentativa de resposta global, pois deixo-me sobretudo fascinar pela expansão dos irredutíveis, pela projeção, sobre a tela, dos seus desvios imaginários ou pelo procedimento reflexivo. Forma, caracteres, aspectos, essências são, evidentemente, escolhidos por aquele que se entrega totalmente, mas são igualmente filtrados, reduzidos à unicidade daquele que propõe, que só sabe propor projetando um raio de luz em pleno olhar daquele que se aproxima. Achin von Arnim tinha razão de observar que "julgamentos são coisa bem insignificante; que cada um faça o que é necessário para sua própria salvação". Isto não me parece muito distante do "Procurei a mim mesmo" de Heráclito. Assim o ensaio tem, para mim, o caráter de uma prova, de uma precipitação do humano, de um fragmento de confissão: um fragmento concentrado de imaginação, de consciência e de escritura. (Como isto teria horrorizado os espíritos do século XVII clássico e sobretudo Pascal que denunciava a imaginação como "mestra de erro e de falsidade"!)

É por isso que eu falei antes em cadinho, pois trata-se realmente de transmutação, já que só resta, do encontro do "eu" e do outro, ao cabo da operação de escritura, uma metamorfose do eu. O outro é, de uma certa forma, invadido, para ser, em seguida, transmutado no eu. O ensaísta se ancora, por exemplo, nas essências de um Hölderlin, mas o que resta do homem-poeta depois de sua passagem? O que resta destas cristalizações de alumbramento e de queda que são seus poemas, se eles nos são restituídos através de um eu e de um eu que, espera-se, não se desvia do "divino"? Como o ensaísta aspiraria à objetividade? Ele não usa uma máscara? Qual seu grau de radicalização? Até que ponto consome o objeto de seu ensaio? Aquele que não provoca, que não é gerador, mas que concebe o ensaio como uma categoria ideológica, sem dúvida lhe convém mais pensar na relação crítica. Pois, se, como já se disse, é no seio da crítica que se desenrola a crise da escritura, poderia se falar, inversamente, em um crescimento de tensão no seio do ensaio. O ensaísta que não se pretende crítico - deixo aqui de lado os ensaios ditos críticos - é um ser estranho que só se alimenta, sem delirar, das fulgurâncias dos seus semelhantes.

Não é ele que dominaria do alto de sua leitura estrutural ou que proporia, como um sábio, o estabelecimento de uma síntese socio-histórica do que lhe é perceptível. O ensaísta é um comungante daquilo que poderia aniquilá-lo. Quer "pensar com todo seu corpo". Joga-se no vulcão, esperando que o vulcão se liquefaça em suas veias. Pode-se notar perfeitamente que ele pouco se preocupa com a pesagem das formas múltiplas da memória. Percebe-se mais como ele opera na esfera da antimemória; como o ensaio se deixa descarnar até a idéia abstrata. É claro que a contemplação dos seres ou dos atos da memória parece-me mais tranquilizadora. Além disso, não se trata de negar a utilidade deste trabalho. Mas sinto que o ensaísta é aquele que carrega o luto dos grandes estilhaços do que foi plenamente um caminho de realização ou derrisoriamente um desastre. Ele consente no trabalho de luto. Persiste em fixar algumas luzes na noite, a seguir sua trajetória até onde a tentativa de abarcar inteiramente certas formas ou fatos correria o risco de reduzir tudo a cinzas. Observemos como Simone Weil desaloja a ilusão da força, como ela nos revela a qualidade de sua alma ao circundar as clareações de alma da *Illada*... Observemos como Bonnefoy se impregna pelas pedras de Ravena... Seria fácil tecer exemplos indefinidamente... Não se trata, é claro, de pretender, como Novalis, chegar a uma praxis, a um "idealismo mágico" em que o pensamento é o meio de transformar o mundo. O que não significa que eu negue a eficácia do ensaio, pelo contrário. No entanto, o ensaísta não é um mago; não tem "força mágica". Além disso, ele não aspira, como o cientista, ao *poder*. Sua força vem de sua concentração, de sua meditação, da própria eficácia de sua palavra. Sua ação não é substancialmente diferente da do poeta. Do poema ao ensaio se opera, de uma certa forma, uma inversão do meio verbal: deslocamento de um pólo ao outro e busca, entre o conceito e o "som-sentido", de um equilíbrio frágil. O ensaio, assim como o poema, são *fazer*es e, conseqüentemente, *atos*. Deste ponto de vista, tinha razão Baudelaire ao afirmar que só o poeta pode ser um verdadeiro crítico. Pois não é preciso "defrontar-se com a poesia para escrever uma boa prosa"? Ou não se trataria ainda do "esforço de estilo" do qual fala Mallarmé? Talvez se queira que eu fale daquele que concebo como um ensaísta? E ele afigura-se-me como um ser da vertigem e do salto. Sem renegá-lo totalmente, não seria ele uma espécie de antítese de Montaigne, que se atinha a uma minuciosa pintura de seu eu, à consolidação dos seres da sua memória? Não é enquanto ensaísta que Pascal se mediu com Montaigne? Sem negligenciar Heráclito, Lao Tse, Santo Agostinho e tantos outros, parece-me que com o monumental Pascal uma certa forma de pensamento e de escritura foi abalada. Será preciso esperar Hölderlin, Novalis, Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé e Nietzsche para se convencer de fato disso. *Une saison en enfer* não seria por excelência um ensaio irradiante?

* * *

Evidentemente, não categorizo as múltiplas formas de ensaio, segundo as acepções que lhes atribuem os universitários. Não proponho modelos a ninguém. Meu ensaísta se compraz nos saltos, submete-se à "combustão verbal", aceita fundamentalmente a *errância*; é um ser que, como queria Chestov, anda "ao acaso, com os olhos fechados"; é o ser da divagação, do espaço lúdico. Não é como "homem ao sonho habituado" que Mallarmé se apresentou para *contemplar* Villiers de l'Isle-Adam? Pode-se dizer do ensaísta, como Aristóteles disse do "poeta" Homero, que *ele mente demais*? Uma das funções do crítico seria, sem dúvida, mostrar, no seu "percurso", a inanidade dos saltos do ensaísta temerário, a impotência do seu "olhar"; ou até extrair daí formas de movimento que seria útil submeter à memória. Entre o ensaísta e o crítico não se poderia criar uma relação dialética: o jogo da forma na areia e do movimento da maré?

O ensaio só pode ser, portanto, uma obra ou, segundo a expressão de Valéry, o estado de uma série de transformações interiores. Não estamos longe da condição poética. Para um poeta, o ensaio só pode participar da poesia, da *poiesis*. Não seria neste sentido que se pode dizer que Baudelaire, crítico, nunca se enganou?

Em resumo (deslocando uma bela expressão de Valéry, tirada de *L'Ame et la Danse*), eu quase poderia dizer que o ensaio, por definição, só pode ser cintilações, fragmentos de um tempo estrangeiro, saltos desesperados para fora de sua forma. Sem dúvida, tudo isto pode parecer "desalinho", quando comparado às tentativas de síntese dos críticos, dos filósofos ou dos sociólogos. Mas, acompanhar o ensaísta, é eventurar-se na areia movediça ou pular do alto de uma torre. E ninguém é obrigado a divagar. Ninguém é obrigado a acolher a fulgurância e seguir pela via da errância uma busca da totalidade, uma busca do Ser.

*Eis o bardo que ainda não cantou.
Mas ele logo cantará
e no fim do seu canto
conhecerá a ciência das estrelas.*

Taliesin